



FAXINFORME

CLIPPING

Expresso

Tiragem: 123.400

Área: 765cm²/ 60%

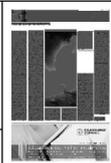
Data: 08.09.2012

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:7



Miguel
Sousa
Tavares

TEM DE HAVER ALTERNATIVA

ILUSTRAÇÃO HUGO PINTO

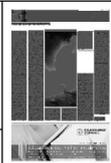


Se a dupla Romney/Ryan ganhar a eleição para a Casa Branca em Novembro próximo, vamos ter de repensar o mundo como se estivéssemos nos primórdios do século XX. Eles defendem que a “violação legítima” não deve dar direito a abortar, assim como o incesto ou a malformação do feto também não darão; eles defendem que só os maiores de 68 anos, doentes, têm direito a ser tratados pelo Estado, gratuitamente; eles defendem que a taxa máxima de IRS deve baixar de 35 para 26% e que, a partir de rendimentos de 200.000 dólares anuais, a taxa deve ser zero; eles defendem o abandono da investigação e investimento nas energias limpas e a aposta na intensificação da exploração de petróleo, no *off-shore* e em qualquer zona protegida, acompanhada de incentivos fiscais às petrolíferas (o mesmo que o nosso Álvaro Pereira, que sepultou a indústria das energias alternativas em troca de apostar nos poços de petróleo nas traseiras do Mosteiro de Alcobaça); eles defendem a perseguição aos imigrantes, o fim do seguro de saúde público (o “Obamacare”), o fim das bolsas de estudo para os jovens sem dinheiro para estudar, a desregulamentação total do sistema financeiro e da grande indústria, o direito inalienável de todos os cidadãos andarem armados e dispararem livremente, a proclamação da capital de Israel em Jerusalém, o reforço das despesas

militares, e, de um modo geral, a guerra aos árabes, russos, chineses e pretos. Eles acreditam em Deus e prometem governar em seu nome, com um programa de terrorismo social e de deboche económico que vai fazer do idiota do George W. Bush um gajo porreiro.

Esta pobre gente americana, formada politicamente nos chás da Tupperware e nas missas dominicais dos pregadores locais, é o que poderemos ter, nos próximos anos, entre nós, os europeus, e os chineses, se eles ganharem as eleições de Novembro. Os mesmos, os mesmíssimos imbecis que fizeram implodir a economia mundial em nome da livre iniciativa, propõem-se resgatá-la com as mesmas receitas levadas ao extremo de um auto-da-fé — e metade dos americanos acredita neles. Como é que a América chegou aqui? E como é que nós vamos atrás?

Na Grécia — onde às culpas próprias passadas se veio somar o desastre da receita da *troika* — o trio de justiceiros representado pelo FMI, a UE e o BCE chegaram ao ponto de propor agora, como uma das medidas adicionais, o regresso à semana de seis dias de trabalho. Quarenta anos de retrocesso propostos através de um simples *e-mail*, como se propusessem “cortem uma das refeições” ou “desliguem a electricidade aos fins-de-semana”. Em Portugal, confrontados com 300.000 novos desempregados como resultado da aplicação da sua receita ao longo de um ano e meio, informados de que há ofertas de trabalho a tempo inteiro para ar-

**FAXINFORME****CLIPPING****Expresso****Tiragem:** 123.400**Área:** 765cm²/ 60%**Data:** 08.09.2012**Typo:** Jornal Nacional Semanal**Secção:** Nacional**FOTO****Cores:** 4 Cores **Pág:**7

quitectos e engenheiros a troco de um salário inferior a 600 euros, cientes de que a revisão da legislação laboral, que impuseram, tornou agora fácil e barato o despedimento, a *troika* veio sugerir mais: que se torne o despedimento ainda mais barato e mais fácil; que se aumente o número de horas extraordinárias, pagando menos por elas; e que se baixem mais os salários. Acreditam que é esta a receita adequada para sustentar o desemprego, pois que, no limite do desespero, os que não conseguirem emigrar não-de aceitar qualquer salário e qualquer contrato, tornando obsoleta a noção legal de salário mínimo — esse entra em greve ao “reajustamento” da economia. Quanto ao facto de a economia, assim destruída, não conseguir produzir receitas fiscais e reduzir o défice e a dívida (o objectivo final do resgate e da “ajuda” a Portugal), Passos Coelho, após reunir-se com o careca, o etíope e o alemão, já subentendeu qual será a solução a adoptar: aumentar ainda mais o IRS, o imposto que persegue a classe média e quem vive do trabalho e que é o único cujas receitas não baixaram, porque não há como fugir-lhe, a não ser ficando desempregado.

Mas a *troika* vai ainda mais longe, deixando cair sobre a mesa, em tom displicente, propostas como o fim das portarias de extensão dos acordos de concertação social — um palavirão que significa, pura e simplesmente, o fim da concertação social, a total desprotecção jurídica dos trabalhadores e o próprio fim, a prazo, do sindicalismo. No dia em que as empresas ficarem desobrigadas de ter de aplicar os acordos mutuamente negociados sector a sector e cada uma puder pôr em prática o código laboral que entender, os trabalhadores ficarão indefesos e o sindicalismo deixará de ter razão de existir. São cem anos de contrato social, laboriosamente erguido passo a passo, que, assim, quase disfarçadamente, são

enterrados de uma penada, como coisa despreciosa.

Não se trata de economia, mas de ideologia. E já passou o tempo das ilusões, em que o contínuo falhanço das soluções propostas podia ser atribuído a erro de análise ou a alteração imprevista das condições envolventes. Não é um erro, é uma política deliberada. Trata-se de, a coberto da perda de soberania económica dos Estados assistidos e a pretexto de os ajudar a sair da situação em que caíram, aproveitar para pôr em prática todas as teorias que visam consumir uma desforra histórica do liberalismo fanático sobre a doutrina do estado social, da qual nasceram as grandes famílias políticas europeias da social-democracia e da democracia-cristã. Para estes novos terroristas económicos, o fim último da economia deixou de ser a criação de emprego e riqueza a distribuir por todos para passar a ser apenas a produção de lucros crescentes a favor de alguns.

Para mim ficará sempre como um mistério, que talvez a história um dia explique, que tantos países devastados por uma crise económica desencadeada pelas teorias liberais da administração Bush tenham depois recorrido aos autores morais do crime para apagar o incêndio que eles próprios tinham ateado. Mas tenho como indiscutível que só chegámos aqui porque a esquerda, a esquerda europeia, não foi capaz de se livrar de dogmas paralisadores e entender como o mundo estava a mudar e a própria noção de justiça social tinha de mudar com ele. Portugal é um bom exemplo de como toda a esquerda, desde as múmias leninistas aos socialistas deslumbrados com o dinheiro fácil, passando pelo BA (esquerda Bairro Alto), passaram décadas a venerar como boi sagrado uma legislação e doutrina laboral que tornava impossível despedir o pior dos trabalhadores, assim protegendo os mediocres, os calões e os batoteiros das falsas baixas,

nivelados com os que queriam trabalhar e nunca conseguiram sair da cepa torta. Os baixos salários, uma das características endémicas da nossa economia, não foram apenas impostos por patrões sem escrúpulos, mas também por um sindicalismo que sempre quis nivelar todos por igual, acabando a nivelar todos por baixo. Sem um estremecimento de apreensão, a nossa esquerda sentou-se confortavelmente em cima dos “direitos adquiridos”, recusando-se a entender que não podia ser adquirido o que não era financeiramente sustentável — nas reformas, na saúde pública, na imensa panóplia de actividades subsidiadas. A cegueira e a má-fé da esquerda prepararam o caminho para a ruína dos países e para a vingança histórica da direita económica a que agora assistimos. E, ao mesmo tempo, uma esquerda que tanto gastou na escola pública e nas vanguardas culturais, deixou as pessoas deseducadas politicamente, desinformadas do essencial, sendo tão depressa capazes de exigir tudo sem querer saber quem paga, como a seguir capazes de achar uma fatalidade incontornável o castigo a que são submetidas. E o pior de tudo é que essa esquerda continua lá. Sem capacidade de reacção ou de alternativa, porque nada aprendeu com o desastre que cozinhou. A sua inexistência, a sua indigência (veja-se Hollande, o único que quebrou o ciclo eleitoral da direita na Europa) deixa-nos desarmados perante a ofensiva dos novos bárbaros. Samaras ou Venizelos? Berlusconi ou ninguém? Rajoy ou Pérez Rubalcaba? Passos Coelho ou Seguro? Não, tem de haver outra alternativa.

Só chegámos aqui porque a esquerda não foi capaz de se livrar de dogmas paralisadores e entender como o mundo estava a

mudar e a própria noção de justiça social tinha de mudar com ele

**Miguel Sousa Tavares
escreve de acordo com
a antiga ortografia**